

Como é ser ateu?

André Cancian



1) Qual sua idade?

Nasci em 19/02/1982.

2) Há quanto tempo você é ateu?

Se a pergunta quer dizer “Há quanto tempo você tem consciência de que é ateu”, a resposta é desde os catorze anos, que foi quando adquiri maturidade suficiente para pensar independentemente sobre tais assuntos. Entretanto, tomando-se a definição correta de ateísmo, que é “ausência de teísmo”, ou seja, “ausência de crença em deus(es)”, então, em certo sentido, pode-se dizer que sempre fui ateu, antes implícito, agora explícito. Como ninguém nasce acreditando em deus, então, em rigor, todos nascemos ateus e permanecemos como tais até que surja em nós a crença em algum tipo de deus. No meu caso, não surgiu.

3) O que o levou a essa escolha?

Como disse, eu nunca “escolhi” o ateísmo. Nasci ateu e permaneço como tal até hoje. Permaneço ateu porque essa posição me parece a mais sensata ante a ausência de evidências para a existência de um “deus” — seja isso o que for. O raciocínio que fundamenta tal posicionamento é algo muito simples: não devemos acreditar em algo se não tivermos motivos para fazê-lo. Note que, em geral, há a tendência de se tentar inverter o “ônus da prova” nessa questão, ou seja, faz-se parecer que são os ateus que devem se justificar por não crer, como se precisassem provar a inexistência de deus para validar sua posição. Contudo, veja o seguinte detalhe: como poderíamos fazer isso — provar a inexistência de deus — se, na realidade, nem sequer existem provas de sua existência para refutarmos? Assim, em princípio, o ateísmo não precisa “provar” nada, pois ele não é uma “crença”, mas uma *descrença* — e qual justificativa poderia ser necessária para o fato de alguém não acreditar em algo porque não há evidências? É quem afirma a existência de algo que cabe o dever de fornecer provas. Além disso, se não adotarmos a descrença como posição padrão para a ausência de evidências, precisaríamos acreditar em *tudo* por padrão — e isso inclui acreditar em todos os deuses ao mesmo tempo, por exemplo. Uma situação bem estranha.

4) Há outras pessoas que não creem em deus em sua família?

Sim, há outros membros da família que são descrentes. Meus dois irmãos, por exemplo.

5) Em caso negativo, como seus pais encararam sua escolha?

Meus pais a encaram com naturalidade e, acima de tudo, respeitam minha escolha, assim como eu respeito a deles.

6) Em caso afirmativo, o que você reconhece de diferente no dia a dia de sua família?

Nunca fui capaz de perceber qualquer reflexo do ateísmo no dia a dia, num sentido prático. Ateus costumam viver como a maioria das pessoas: tentando levar uma existência feliz e agradável, lutando para conquistar nossos sonhos.

7) Você já acreditou na existência de deus em algum momento?

Não, nunca acreditei. Claro, eu considerei a hipótese. Considerei-a, analisei-a e, então, descartei-a. Entretanto, deve ficar claro que estou e sempre estive aberto às evidências. Não sou ateu porque decidi que deus simplesmente não existe e ponto final. Apenas pesei as evidências disponíveis contra e em favor da existência deste “ser”, e cheguei à conclusão de que não existem motivos que justifiquem a crença. Mas, por exemplo, se chegasse a mim um indivíduo que pudesse provar, sem margem de dúvida, a existência de deus, não há qualquer dúvida quanto a isto: eu acreditaria imediatamente em sua existência. Não sou um ateu irrevogavelmente convicto, pois, como dizia Nietzsche, *Homens convictos são prisioneiros*. Mantenho sempre minha cabeça aberta. Esse é todo o conceito por detrás do meu ateísmo. A única coisa que me nego a fazer é acreditar em algo sem possuir justificativas.

8) Como é o dia a dia sem deus?

Pelo que percebi até hoje, praticamente como o de qualquer outra pessoa. Teoricamente, parece que sermos o centro da criação ou apenas animais racionais faria muita diferença sobre como viveremos nossa vida, mas na realidade não parece virtualmente nenhuma. Provavelmente porque, no dia a dia, preocupamo-nos com nossas necessidades humanas, ou seja, com trabalhar, comer, dormir, não com ser “salvos”. Então, por isso mesmo, se alguém chegasse a mim e provasse a existência de deus, claro, eu passaria a acreditar em deus. Talvez fosse até interessante a situação de ter uma “vida eterna”. Porém, no que toca a prática, não acho que isso mudaria o modo como vivo minha vida.

9) Você usa ou já usou expressões como “graças a Deus”, “Deus me livre”, “se deus quiser”, mesmo que por força de expressão?

Não vejo problema nelas em si mesmas, são só palavras. Contudo, não deixo de sentir que refletem a expectativa de uma “intervenção divina” em nossas vidas, algo que, a meu ver, poderia incentivar uma espécie de comodismo, uma postura de passividade frente aos problemas da vida.

10) Deus é, muitas vezes, uma espécie de suporte para enfrentar as turbulências da vida. Quando não há fé em Deus, o que substitui esse “suporte” nos momentos de dor? Onde você busca consolo/conforto?

Depende do problema: se estou com dor de dente, vou ao dentista; se estou doente, vou ao médico. Acho que procurar entender as verdadeiras causas de nosso sofrimento é o método mais eficiente para solucioná-lo pela raiz, em vez de apenas remediá-lo com placebos espirituais. Além disso, como a maioria das pessoas, tenho amigos, tenho familiares, e eles me apoiam nesses momentos. Não preciso de mais que isso.

11) Quando se acredita em deus, é possível associar valores éticos e morais à lógica cristã. Quando não se crê em deus, como se fundamentam esses valores? Qual o parâmetro para definir o “certo e o

errado”, o “justo e o injusto”, por exemplo?

A moral dos ateus costuma ter uma orientação humanista, baseada no reconhecimento de que seres humanos têm muitas necessidades, interesses e objetivos comuns, e que, portanto, é possível fundamentar valores morais em termos de necessidades humanas compartilhadas — necessidades biológicas, psicológicas, sociais, emocionais etc. Em grande medida, a moralidade humana baseia-se, não em “crenças”, mas em nossa própria natureza humana, nas respostas emocionais comuns que apresentamos diante das mesmas situações. Compaixão, altruísmo e solidariedade são coisas que estão presentes tanto em crentes quanto em descrentes, e isso não é algo que se escolhe. Faz parte de quem somos. Então, voltando à pergunta inicial, para ateus a moral é um conjunto de regras de conduta feitas por humanos para satisfazer necessidades humanas, cuja finalidade última é promover o nosso próprio bem-estar e permitir a vida em sociedade.

12) Como você encara datas festivas religiosas como Natal e Páscoa, por exemplo? Comemora ou não? De que forma?

Bem, não faria muito sentido “comemorar” algo em que não acredito. Então, na prática, vejo essas datas como tempo livre para fazer o que gosto — ler um bom livro, passear, conversar com os amigos etc.

13) Você já se sentiu/sente-se discriminado por ser ateu? Em caso afirmativo, como foi/é a situação?

Pelo menos em minha experiência pessoal, todos os que me circundam sempre respeitaram meu ponto de vista.

14) Você teve que tipo de formação escolar: pública ou privada?

Até o ensino médio, estudei em escolas particulares católicas.

15) Quais os fundamentos do ateísmo?

O ateísmo não possui propriamente um “fundamento”. Quero dizer, ele, em si mesmo, não diz nada sobre como a pessoa vai comportar-se, pois o ateísmo não é um conjunto de “princípios” a serem seguidos, não é um é um conjunto de valores. Ateísmo é apenas o nome que se dá à descrença em deus.

16) Como surgiu a ideia de seu site?

Vi na internet um canal para realizar aquilo que quase todos desejam: possuir um espaço para compartilhar suas ideias. O objetivo principal do site é disponibilizar textos ricos em conteúdo informativo, convidando o leitor a refletir sobre assuntos nos quais, em geral, não pensamos muito. Assim, a ideia não é “converter” o leitor. A proposta é apenas disponibilizar o material, deixando que cada qual tire suas próprias conclusões.

17) Há quanto tempo ele está no ar?

Seus rudimentos datam de 1999, mas ele começou, com o formato que tem atualmente, em 2001.

18) Você tem noção do volume de acessos dia/mês?

O site recebe em torno de 5000 visitas diárias.